

Linha de pesquisa: Gestão Participativa

Marcas da autogestão em um contexto universitário: análise da organização do SOLTEC

Camila Rolim Laricchia (camila_laricchia@hotmail.com),

Jair Nastalino Pires Oliveira (nastalino@gmail.com),

Tatiane dos Santos Medeiros (tatianesmedeiros@yahoo.com.br),

Thaís Oliveira (thaiscs.oliveira@yahoo.com.br)

A gestão de uma organização concentra-se, basicamente, no processo de tomar decisões na utilização dos recursos para a realização de ações com o fim de atingir seus objetivos. Para utilizar os recursos disponíveis da melhor forma, faz-se necessário ter uma boa gerência, pois, além dos recursos financeiros, a capacidade de processamento de informações das pessoas é limitada.

O presente trabalho propõe-se a discutir o modelo de organização do Núcleo de Solidariedade Técnica – SOLTEC da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, utilizando a autogestão como referência. O SOLTEC/UFRJ é um núcleo de pesquisa, extensão e formação, composto por estudantes de graduação e pós-graduação, técnicos e pesquisadores, com princípios bem definidos voltados para temas como Economia Solidária e Tecnologia Social.

A maior difusão do conceito de autogestão levou a uma disputa pela sua definição. Afinal, o que é necessário para podermos classificar empreendimentos ou organizações como autogestionários? Qual o nível de intensidade de participação necessário para que consideremos que os trabalhadores efetivamente têm o poder sobre a instituição que participam e para que possamos afirmar há autogestão naquele local? E, afinal, existem diferentes níveis de autogestão, ou a autogestão é estática: existe ou não existe?

É a partir dessas reflexões que buscamos fazer uma revisão bibliográfica que subsidie a análise que será realizada posteriormente sobre o SOLTEC/UFRJ. José Henrique de Faria (2009) já afirmava que *autogestão* é um conceito múltiplo e envolve diversos significados, o que pode levar a interpretações amplas e superficiais, perdendo, por vezes, seu ímpeto transformador e contestador do modelos tradicional de gestão.

Nesse sentido, tendo em vista o contexto universitário em que o Núcleo está inserido, fizemos uma análise de como o SOLTEC se aproxima da autogestão de acordo com as seguintes variáveis: programas e projetos, estrutura organizacional, as formas de comunicação e tecnologia da informação utilizada, a tomada de decisão, o ingresso no Núcleo e a remuneração dos membros. O resultado foi o seguinte quadro comparativo:

Âmbito	Organização Convencional	Organização Autogerida	SOLTEC
Organograma	Estrutura hierarquizada	Supressão da hierarquia	Diferentes cargos com responsabilidades específicas, mas um cargo não tem autoridade sobre o outro.

	Competição entre setores	Colaboração/cooperação entre setores	Colaboração/cooperação entre setores
	Separação entre concepção e execução	O executor da atividade é o próprio planejador da mesma	O executor da atividade é o próprio planejador da mesma
	Heterogestão de toda a organização	Autogestão da organização coletivista de trabalho	Entre heterogestão e autogestão
Comunicação e tecnologia da informação	Informação restrita aos tomadores de decisão	Informação acessível para todos os membros da organização	Informação acessível para todos os membros da organização
Tomada de decisão	Decisões centralizadas pela gerência	Participação direta e efetiva; Democratização das decisões	Participação direta e efetiva no planejamento estratégico; Participação direta no planejamento tático; Democratização das decisões.
Programas de projetos	Controle pela gerência de todo o processo de trabalho	Autocontrole do processo de trabalho pelos produtores diretos	Controle compartilhado, com metodologia autônoma.
	Imposição pela gerência dos projetos a serem executados e apropriação privada dos resultados	Colaboração e solidariedade quanto aos projetos e resultados	Colaboração e solidariedade quanto aos projetos e resultados
Remuneração	Trabalho assalariado e submetido ao capital	Trabalho coletivo e libertário; remuneração proporcional ao trabalho aplicado.	Remunerações e vínculos geridos por instâncias externas ao núcleo.

Quadro 2 - *Organização convencional versus organização autogerida*. Adaptado de Farias (2009, p. 327)

Referências Bibliográficas

ALBUQUERQUE, Paulo Peixoto de. Autogestão. In: CATTANI, Antonio David. A outra economia. Porto Alegre: Veraz Editores, 2003. 306 p.

FARIA, José Henrique. **Gestão Participativa: Relações de Poder e de Trabalho nas Organizações**. São Paulo: Atlas, 2009.

HENRIQUES, Flávio Chedid. **EMPRESAS RECUPERADAS POR TRABALHADORES NO BRASIL E NA ARGENTINA**. 2013. Tese (Doutor em Planejamento Urbano e Regional) - Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013, p. 334.

NASCIMENTO, Cláudio. Autogestão: Economia Solidária e Utopia. **Outra Economia**, V. II, Nº 3, 2º semestre/2008, ISSN 1851-4715. Disponível em: <www.riless.org/otraeconomia>. Acesso em: 26 março. 2014.

VALENTIM, I. V. L. **Economia Solidária em Portugal: inspirações cartográficas**. Mó de Vida Editora, 2012.

VIEIRA, F. de O.; MENDES, A. M.; MERLO, Á. R. C (Orgs). **Dicionário crítico de gestão e psicodinâmica do trabalho**. Curitiba: Jurua, 2013.

Um Guia do Conjunto de Conhecimentos em Gerenciamento de Projetos, (Guia PMBOK®), 3ª edição.